

PODER / Bolsonaro mostra na ONU país sob seu ponto de vista, com críticas às medidas tomadas na pandemia, defesa de remédios ineficazes contra a covid, elogios aos atos do 7 de Setembro, mas com pretensões de avançar na agenda ecológica

Compromisso ambiental e acenos aos apoiadores

Na abertura da 76ª Assembleia Geral das Nações Unidas, o presidente Jair Bolsonaro conseguiu unir dois fatores aparentemente inconciliáveis: acenar à sua base eleitoral conservadora e se comprometer com avanços na seara do meio ambiente. Ao mesmo tempo em que lembrou que seu governo é defensor da família, dos princípios cristãos e de que a economia tinha de permanecer aberta apesar da pandemia de covid-19, mostrou que antecipou de 2060 para 2050 a meta de alcançar a neutralidade climática e que buscará na COP-26 — que se realizará em Glasgow, na Escócia, entre 1º e 12 de novembro — consenso com os demais participantes sobre a adoção de regras do mercado de crédito de carbono global.

“Esperamos que os países industrializados cumpram, efetivamente, seus compromissos com o financiamento de clima em volumes relevantes”, cobrou Bolsonaro, no púlpito da ONU.

O presidente ainda lembrou que o Brasil tem uma legislação ambiental “completa” e que o Código Florestal “deve servir de exemplo para outros países”.

“O Brasil é um país com dimensões continentais, com grandes desafios ambientais. São 8,5 milhões de km², dos quais 66% são vegetação nativa, a mesma desde o seu descobrimento, em 1500. Somente no bioma amazônico, 84% da floresta está intacta, abrigando a maior biodiversidade do planeta. Lembro que a região amazônica equivale à área de toda a Europa Ocidental”, observou, acrescentando que “os recursos humanos e financeiros, destinados ao fortalecimento dos órgãos ambientais, foram dobrados, com vistas a zerar o desmatamento ilegal”.

“O futuro do emprego verde está no Brasil: energia renovável, agricultura sustentável, indústria de baixa emissão, saneamento básico, tratamento de resíduos e turismo”, exaltou.

O contraponto ao compromisso com a preservação ambiental veio quando tratou das questões relacionadas à pande-

Eduardo Munoz/AFP



No púlpito da ONU, Bolsonaro reafirmou o compromisso com sua base eleitoral, mas deixou aberta a porta de entendimento em questões globais

mia. Apesar de ressaltar que “até o momento, o governo federal distribuiu mais de 260 milhões de doses de vacinas e mais de 140 milhões de brasileiros já receberam, pelo menos, a primeira dose”, criticou as medidas de distanciamento social adotadas no mundo inteiro — preconizadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), um dos braços das Nações Unidas — e defendeu o chamado “kit covid”, composto por medicamentos sem qualquer eficácia no combate à covid-19, em qualquer estágio da doença.

Bolsonaro ainda criticou a adoção do passaporte da imunização, apesar dos constrangimentos pelos quais passou por ser um dos poucos chefes de Estado que chegou a Nova York sem ter se vacina-

do — o que o impediu de acessar os ambientes internos dos restaurantes —, postura que o levou a ser criticado pelo prefeito da cidade, Bill de Blasio. Para se justificar, ainda elegeu a imprensa como adversária quando disse que apresentaria um “Brasil diferente daquilo publicado em jornais ou visto em televisões”.

Reações

Diplomatas, embaixadores e ex-chanceleres criticaram a postura de Bolsonaro. A avaliação foi de que o presidente fez um discurso para os seus apoiadores e pouco contribuiu para melhorar a política externa brasileira. “O discurso foi lamentável sob todos os aspectos. O Brasil já era um

pária internacional, e esse discurso conseguiu diminuir ainda mais a nossa importância”, criticou o ex-ministro das Relações Exteriores Celso Amorim.

Embaixador do Brasil em Washington entre 2004 e 2007, Roberto Abdenur acrescentou que o discurso de Bolsonaro foi “muito fraco e desprovido de maior conteúdo”. Segundo ele, as falas dos presidentes brasileiros em Assembleias Gerais da ONU sempre foram elogiadas pelo caráter mais analítico sobre os problemas políticos, econômicos, sociais e ambientais em curso no mundo. “Não foi um discurso de política externa, mas, sim, um discurso no qual ele se valeu para redobrar a aposta em suas posturas negacionistas e negativas”, explicou.

Antecessor de Abdenur na embaixada brasileira nos EUA, Rubens Barbosa também acredita que Bolsonaro não deveria ter falado para a sua bolha e que ele escolheu o palco errado. “O fórum da ONU é para discutir a situação global, e o que o Bolsonaro disse não foi o que eles queriam ouvir. Não altera em nada o desgaste que o Brasil está enfrentando, e deve permanecer a percepção crítica que o país tem no exterior”, alertou.

Já o diplomata Paulo Roberto de Almeida, ex-diretor do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IPRI) definiu assim o discurso do presidente. “Não vi nenhum argumento realmente tratando da agenda internacional. Um discurso de vereador”.

Avaliações

“Falou o que já vem falando há muito tempo internamente no país. Falou de temas específicos, mas fez a visão com o detalhamento do Brasil, os aspectos de infraestrutura, meio-ambiente, combate à pandemia e outras questões”

Arthur Lira, presidente da Câmara dos Deputados

“(Bolsonaro) destacou pontos importantes do Brasil. Obviamente que há posições do presidente das quais eu discordo, mas são convicções dele. Portanto, não há grandes surpresas em relação à fala”

Rodrigo Pacheco, presidente do Senado

“Após ver o que ocorreu em Manaus, ver o que a Prevent Senior fez com pacientes, o presidente foi ao órgão mais importante do mundo defender tratamento precoce. O presidente ouviu pitaqueiros, gabinete paralelo, e foi defender o que nenhum líder defende”

Senador Omar Aziz, presidente da CPI da Covid

“Bolsonaro fez um dos seus melhores discursos. Citou o combate à corrupção, sucesso na agricultura, na infraestrutura, empresas estatais que pararam de enviar recursos para o exterior. O povo era o principal financiador desses esquemas de fortalecimento do comunismo em outros países”

Deputado Luiz Lima (PSL-RJ)

“(Bolsonaro) trouxe a verdade para todo o mundo, sem o filtro da mídia. Em seu discurso na Assembleia Geral da ONU, o presidente mostrou como a luta pela liberdade é o foco de seu governo”.

Deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP)

“Quando o Bolsonaro opta por falar para a sua base de apoiadores e não para a comunidade internacional, ele perde uma oportunidade imensa. A ONU não é um palco para ele falar para sua base de apoiadores. Os investidores internacionais estão observando”

Juliano Cortinhas, professor da Universidade de Brasília

“Lamentável sob todos os aspectos. O Brasil já era um pária internacional, e esse discurso conseguiu diminuir ainda mais a nossa importância”

Celso Amorim, ex-chanceler

“Não foi um discurso de política externa, mas sim, um discurso no qual ele se valeu para redobrar a aposta em suas posturas negacionistas e negativas”

Roberto Abdenur, ex-embaixador do Brasil em Washington

“O fórum da ONU é para discutir a situação global, e o que o Bolsonaro disse não foi o que eles queriam ouvir. Não altera em nada o desgaste que o Brasil está enfrentando e deve permanecer a percepção crítica que o país tem no exterior”

Rubens Barbosa, ex-embaixador do Brasil em Washington

Entre elogios, críticas e surpresa zero

O discurso do presidente Jair Bolsonaro causou as reações esperadas no meio político. Se, para uma parcela expressiva do Congresso o presidente apenas repetiu o que vem dizendo ao longo dos últimos meses, deixando de aproveitar um palco importante para reforçar a política externa, no campo oposto, o dos seus apoiadores, foi motivo de elogios porque deixou claro que seu governo não abre mão dos princípios que defende desde o primeiro dia.

“Falou o que já vem falando há muito tempo internamente no país. Falou de temas específicos, mas fez a visão com o detalhamento do Brasil, os aspectos de infraestrutura, meio ambiente, combate à pandemia e outras questões, mas de uma maneira que só ele pode avaliar”, analisou o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL).

Para o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), Bolsonaro “destacou pontos importantes do Brasil. Obviamente que

há posições do presidente das quais eu discordo, mas são convicções dele. Portanto, não há grandes surpresas em relação à fala”.

Já o presidente da CPI, Omar Aziz (PSD-AM), repudiou a defesa de Bolsonaro ao tratamento precoce. “Após ver o que ocorreu em Manaus, ver o que a Prevent Senior fez com pacientes, o presidente foi ao órgão mais importante do mundo defender tratamento precoce. O presidente ouviu pitaqueiros, gabinete paralelo, e foi defender o que nenhum líder defende”, lamentou.

A base governista, por sua vez, viu no discurso a autenticidade de um governo comprometido com a cidadania. Segundo o deputado Coronel Tadeu (PSL-SP), “o presidente mostrou a verdade. O Brasil é o quarto país do mundo que mais vacina. Nós estamos cuidando, ao mesmo tempo, da economia e da saúde dos brasileiros, a despeito de governadores que querem remar contra”.

O deputado Luiz Lima (PSL-RJ) acrescentou que “o presidente Bolsonaro fez um dos seus melhores discursos”. “Citou o combate à corrupção, sucesso na agricultura, na infraestrutura, empresas estatais que pararam de enviar recursos para o exterior. O povo era o principal financiador desses esquemas de fortalecimento do comunismo em outros países”, lembrou.

Filho do presidente, o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) — que está na comitiva, em Nova York — reforçou que Bolsonaro “trouxe a verdade para todo o mundo, sem o filtro da mídia. Em seu discurso na Assembleia Geral da ONU, o presidente mostrou como a luta pela liberdade é o foco de seu governo”.

Pós-Trumpismo

Para estudiosos, o discurso do presidente evidencia que ele tenta, agora, ocupar um espaço que

outrora foi do ex-presidente americano Donald Trump. “Bolsonaro reivindicou o manto pós-Trump como sendo o principal propagador de desinformação em face de uma pandemia mortal. Este discurso foi uma forma de sinalizar aos populistas de extrema direita em todo o mundo que ele é o líder de seu movimento”, afirmou Lincoln Mitchell, cientista político e professor da Universidade Columbia, em Nova York.

Já Márcio Coimbra, cientista político e coordenador do MBA em Relações Institucionais e Governamentais do Mackenzie em Brasília, ressaltou que o discurso de Bolsonaro foi como se estivesse em seu cercadinho no Palácio da Alvorada. “Ele se expôs ao ridículo quando ele fala de tratamento preventivo para a covid-19 — e a gente sabe que o caso da Prevent Senior está sendo algo muito debatido, porque é um crime”, ressaltou.

“Algumas falas foram muito mais para a torcida do bolsonaris-

mo do que propriamente para poder recuperar o que é muito difícil de ser recuperado, que é a imagem internacional do Brasil nesses dois anos e meio de governo Bolsonaro”, disse Felipe Loureiro, professor de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (USP).

Embora Bolsonaro tenha tentado falar diretamente aos investidores para se aproximar deles, seu discurso terá efeito contrário. É o que acredita o professor de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB), Juliano Cortinhas. “Quando o Bolsonaro opta por falar para a sua base de apoiadores e não para a comunidade internacional, ele perde uma oportunidade imensa. A ONU não é um palco para ele falar para sua base de apoiadores. Os investidores internacionais estão observando os discursos, os outros líderes mundiais com os quais ele pode fechar acordos de cooperação estão observando essas falas”, alertou.